

O povo indígena Karitiana: histórias de lutas para sobreviver ao colonizador

Gracilene Nunes da Silva¹
Miguel Nenevé²

Resumo

Neste artigo, intenta-se uma reflexão acerca da colonização do povo indígena Karitiana. Para compreender melhor esse processo, fez-se uma pesquisa do contexto histórico da ocupação e colonização da Amazônia, em especial, de Rondônia. Em seguida, registram-se, através da História Oral de Vida de membros do grupo, dois episódios que representam fielmente a história de lutas desses indígenas para sobreviver ao colonizador. No primeiro, a narrativa é sobre a retomada de terras dos Karitiana; no segundo, narra-se sobre índios que provavelmente ainda vivem isolados em Rondônia e ameaçados pelo povo não-índio. A compreensão dos fatos se dá pela análise e entrelaçamento do contexto histórico e os fatos narrados pelo informante/colaborador. Verifica-se que a história de violência contra a população indígena nesse processo de colonização não é diferente do que aconteceu em épocas mais remotas. Talvez o que tenha sofrido modificações foram os métodos de se praticar essas violências. Hoje, apregoa-se que os indígenas têm direitos tanto quanto o povo não-índio. Contudo, na prática, as terras indígenas continuam sendo invadidas ou sem uma demarcação correta, o que delimita o espaço dos índios. Com isso, lhes falta o alimento, pois não há onde caçar e pescar; negam-lhes boas condições de moradia, saúde, educação adequada, enfim, o povo indígena Karitiana continua na luta contra o colonizador e por dignidade.

Palavras-chaves: Colonizador. Colonizado. História. Violência. Índios Karitiana.

1 Introdução

Ainda nos dias atuais é frequente as pessoas pensarem que antes dos espanhóis, portugueses e povos de outras nacionalidades desbravarem a América do Sul, a Amazônia era inabitada. Este pensamento advém da mentalidade de muitos de que o índio era (é) considerado uma “espécie” selvagem, componente da zoologia, e que, portanto, não pode ser considerado o primeiro habitante da região amazônica.

¹ Graduada, Pós-graduada e mestranda em Letras pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Gracilene_9@hotmail.com

² Professor Doutor da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Miguel Nenevé. mneneve@hotmail.com

Contrariamente a esta mentalidade, sabemos que os povos indígenas foram os primeiros habitantes deste mundo amazônico tão desconhecido e ambicionado por outras nações. E, justamente por causa dessa ambição, a história mostra que esses povos foram sacrificados, muitos dizimados e outros subjugados e escravizados.

Como nos demais estados amazônicos, no Estado de Rondônia, esta situação se repetiu. Apesar da violência do colonizador, os indígenas resistiram e, em Rondônia, é possível encontrar, de acordo com a FUNAI – Fundação Nacional do Índio, 54 etnias falantes de cerca de 20 línguas diferentes. Um exemplo de tal resistência é o povo indígena Karitiana que ainda tenta sobreviver ao colonizador, procurando manter sua identidade cultural em face do mundo globalizado contemporâneo.

O presente artigo situa-se no campo dos estudos culturais e visa, a partir da História Oral de vida de membros integrantes da etnia Karitiana, registrar e analisar a história de luta dessa população indígena para entender a sua sobrevivência diante do processo de colonização. A análise será feita a partir de dois fatos mais recentes ocorridos na comunidade: Fato 1. *Narrativa sobre a retomada das terras que pertenciam aos Karitiana e que foram ocupadas por fazendeiros da região*; fato 2: *Narrativa sobre índios que vivem na região, mas que ainda não tiveram contato com os não-índios*.

Olhando para o passado histórico dos povos indígenas na Amazônia e, especialmente, em Rondônia, percebemos que há necessidade de aprofundar os conhecimentos acerca dos índios Karitiana. Esse conhecimento será possível através de seus discursos, pois como sujeitos pertencentes a uma sociedade, estão repletos de ideologias, vivências de mundo, alegrias, tristezas, lutas, vitórias, derrotas, mágoas, ódio, enfim, seus valores serão manifestados através de suas narrativas.

Cumpramos salientar que as análises foram realizadas com base na teoria bakhtiniana, a qual parte do pressuposto de que o ato de fala não pode ser considerado como individual em sentido estrito, uma vez que a enunciação é dotada de caráter social (BAKHTIN, 2006).

No dizer de Bakhtin (2006, p. 114):

[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante

médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos (pai, mãe, marido etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no abstrato.

Nesse pensar, a pesquisa intenta considerar a história oral de vida do informante/colaborador selecionado, considerando as condições de produção dos discursos que constituíram material de análise do presente trabalho.

O método científico utilizado na análise dos *corpus* foi o da pesquisa exploratória que envolve levantamento bibliográfico (apresentado na seção 2 deste artigo) e da entrevista não-padronizada (GIL, 2008, p. 45), registrada em gravador. Da utilização dessa técnica, resultaram diversas versões das narrativas. Dentre as versões apresentadas pelos diversos informantes voluntários, foi selecionada aquela que, sob a ótica da pesquisadora, mostrou maior riqueza de detalhes a ser apresentada na seção 5 (cinco) ³.

Para uma melhor compreensão da temática, primeiramente é necessário se discutir brevemente aspectos da colonização e descolonização à luz de teóricos que versam sobre o assunto.

2 Aspectos da colonização e descolonização

A história mostra por quanto sofrimento a humanidade tem passado em função do processo de colonização através de lutas tribais, regionais, guerras entre povos e lutas entre indivíduos, tendo como resultado a violência não apenas física, mas, principalmente, a psicológica. Ao longo dos tempos, tem-se visto homens e mulheres escravizados, explorados e reduzidos a objetos, sem direito a uma vida digna.

Albert Memmi (2007) traça o perfil do colonizador como uma pessoa

que participa como membro do grupo dos colonizadores, cujos valores reinam. O país é ritmado por suas festas tradicionais, até mesmo religiosas, e não pelas do habitante; o dia de descanso semanal é o de seu país de origem [...] é sua língua materna que permite as comunicações sociais; até mesmo suas roupas, seu acento, suas maneiras acabam impondo à imitação do colonizado. O colonizador participa de um mundo

³ O informante voluntário selecionado foi o Sr. Antenor Karitiana, que é atualmente Presidente da Associação dos Karitiana no Estado de Rondônia.

superior, do qual só lhe resta recolher automaticamente os privilégios. (MEMMI, 2007, p.46)

Jean-Paul Sartre, no prefácio à obra de Fanon (1968) a respeito da dominação cultural enfatiza que

A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumanizá-los. Nada pode ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles; é preciso embrutecê-los pela fadiga. Destruídos, enfermos, se ainda resistem, o medo concluirá o trabalho: assentam-se os fuzis sobre o camponês; vêm civis que se instalam na terra e o obrigam a cultivá-la para eles. Se resiste, os soldados atiram, é um homem morto; se cede, degrada-se, não é mais um homem; a vergonha e o temor vão fender-lhe o caráter, desintegrar-lhe a personalidade.

As duas citações acima representam a situação do processo de colonização, onde se tem, de um lado, o colonizador como o detentor do poder e, no lado oposto, o colonizado, subjugado aos desmandos do colonizador.

O domínio colonial tem por característica a desestabilidade do povo subjugado, através da usurpação aos costumes, à língua, aos modos de vida, enfim, da negação da cultura desse povo.

Assim também, Aimé Césaire (2010, p.17) enfoca que

na colonização o gesto decisivo é o do aventureiro e o do pirata, o do mercador e do armador, do caçador de ouro e do comerciante, o do apetite e da força, com a maléfica sombra projetada para trás por uma forma de civilização que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente, estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial.

Este autor enfatiza que há uma enorme diferença entre colonização e civilização. Diz que é de extrema importância o contato de civilizações diferentes para o fortalecimento da humanidade. Porém, ainda de acordo Césaire, os atos praticados por países colonizadores, em nenhum deles existia uma política de valorização do ser humano, de inclusão para conhecimento de culturas diferentes. Ao contrário, os atos documentais tratavam de embrutecer e desumanizar os colonizados. Implantar a política do terror, da desmoralização. Assim, o colonizado se reconheceria como um animal selvagem, sem direitos, além de se sentir na obrigação de manter concordância com a maneira de administrar do colonizador. Portanto, a política implantada é a da domesticação e da humilhação.

Entre colonizador e colonizado só há lugar para o trabalho forçado, para a intimidação, para pressão, para a polícia, para o tributo, para o roubo, para a violação, para a cultura imposta,

para o desprezo, para a desconfiança, para o silêncio dos cemitérios [...] Césaire (2010, p. 31)

Observa-se que os autores aqui citados retratam acontecimentos da história mundial sobre os desmandos cometidos pela necessidade de colonizar um país, um estado, um município. Descrevem pontualmente sobre tantos sofrimentos causados à população colonizada em nome do progresso, de uma utópica civilização. Eis que tudo isso já poderia ter tido um fim.

No entanto, em pleno século XXI, época da modernidade, das tecnologias, das informações, os noticiários nacionais e locais mostram que esse processo de escravização ainda está longe de acabar.

Onde hoje é o Estado de Rondônia, o processo de perseguição ao índio aconteceu desde os tempos mais remotos quando aventureiros e “descobridores” chegaram a este continente em busca de novas terras e de produtos para aumentar o poder mercantilista da Europa. Meireles (1981) afirma que no período colonial, os Tupi foram os primeiros grupos a atingir o vale do Madeira. E a autora faz o seguinte resumo das migrações indígenas em terras rondonienses:

1. da costa para a foz do Madeira, caso dos Tupinambarana, século XVII;
2. do Tapajós para o Madeira e seus tributários, caso dos Mundukuru e dos Parintintin (Kawahib), século XVIII;
3. do Tapajós o Ji-Paraná e seus tributários, caso dos outros grupos Tupi-Kawahib, século XVIII;
4. do alto e médio rio Blanco (Bolívia), para o Mamoré e seus tributários, caso dos Txapakura, século XVII. (Meireles, 1981, p. 14)

Com a chegada do elemento colonizador, as populações indígenas começaram a se deslocar de uma região para a outra, na tentativa de fugir ao colonizador. Nesse ínterim, as guerras intertribais eram comuns por disputa de territórios. Por outro lado, muitos povos indígenas se uniram para se proteger seja de grupos indígenas mais fortes, seja dos brancos que a cada dia invadiam mais seus territórios limítrofes. Esse processo foi triste e doloroso. Os indígenas passaram a ser reféns do processo econômico, político e religioso da nação.

Em nome da fé, muitas atrocidades aos índios foram cometidas. A violência com as populações indígenas predominou durante todo o processo de ocupação da Amazônia. De um lado, estavam os grandes latifundiários que precisavam da mão-de-obra escrava do índio; do outro, os religiosos que também precisavam do trabalho indígena para aumentar a produção das Missões

espalhadas pela região e elevar o número de pessoas em processo de catequização.

No tópico seguinte, veremos o que a história relata sobre a colonização na Amazônia, com ênfase no Estado de Rondônia, para buscar o entendimento dos aspectos dessa colonização no espaço rondoniense.

3. Breve contexto da colonização da Amazônia – região de Rondônia

3.1 Vale amazônico

Há muito tempo, a Amazônia desperta nas pessoas o sentimento de desafios para descobrir seus encantos e mistérios tanto pela exuberância da sua natureza quanto pelo povo que nela habitava há séculos.

Na visão de Cândido (1999, p.16),

É preciso imaginar o que era o Brasil no século XVI, [...] uma vasta extensão de terras quase totalmente desconhecidas, cujas fronteiras com os domínios espanhóis eram indefinidas, habitadas por indígenas que pareciam ao conquistador seres de uma “espécie diferente”, talvez não inteiramente humanos. Uma natureza selvática e exuberante, cheia de animais e vegetais insólitos, formando um espaço que ao mesmo tempo aterrorizava e deslumbrava o europeu.

Quando os europeus e outros povos de nações distintas realizaram suas primeiras viagens pelo vale amazônico, nele encontraram os índios que possuíam uma estrutura de vida organizada de acordo com suas culturas e padrões sociais, viviam harmonicamente com a natureza, trabalhando, para dela tirar o seu sustento como a caça, a pesca e a agricultura.

De acordo com Teixeira & Fonseca (2001), em 1615, no período colonial, iniciou-se o processo de ocupação da bacia amazônica, quando os portugueses expulsaram os franceses da região e construíram o Forte do Presépio, dando origem à cidade de Belém, atualmente, capital do Pará. Ainda segundo esses autores, no século XVII havia uma intensa movimentação de estrangeiros contrabandeando produtos da região, como cravo, canela, castanha, cacau, plantas medicinais etc., e tentando fundar núcleos de colonização, obrigando os portugueses a intensificarem a fiscalização e construírem novas fortificações para a defesa da Amazônia.

Evidentemente que nesse processo de ocupação e colonização da Amazônia estava uma figura importante: o índio. Este que há mais tempo já se

deslocava de uma região para outra, na tentativa de fugir do colonizador, agora a ameaça era mais constante e real.

Nesse contexto, encontravam-se os povos indígenas Karitiana, na região onde hoje é o Estado de Rondônia. No entanto, por mais que se refugassem mata adentro, cedo ou tarde seriam encontrados, pois o processo de ocupação da região era fato consumado. Então, no início do século XX, com a chegada dos caucheiros e seringueiros, pôs término ao isolamento dessa população indígena.

Os fatos históricos de escravização de índios mais uma vez se repete com a população Karitiana. E as consequências foram drásticas, como a dizimação de parte do grupo, a domesticação e a escravidão.

Assim, iniciou o português o processo de “amansamento”. Era, predominantemente, o indígena “amansado” que colaborava tanto nas expedições que devassaram a Amazônia, a partir do século XVII, quanto como trabalhador direto nos estabelecimentos agrícolas e extrativistas coloniais. A serviço do colono particular, do missionário, mas também sujeito ao aparelho do Estado Português, construíram fortificações, abrindo estradas, nos destacamentos militares que garantiam as rotas de comércio, nos estaleiros e pesqueiros reais.” (TEIXEIRA & FONSECA, 2001, p.13.)

Tais fatos aconteceram durante vários séculos, quando os europeus, espanhóis e outros povos estiveram na Amazônia para explorar suas riquezas naturais e minerais. Da mesma forma, fatos semelhantes aconteceram em épocas mais recentes, após século XX. Agora, os atos de exploração do índio foram praticados pelos seringalistas, seringueiros, garimpeiros e outros, oriundos especialmente do nordeste do Brasil para desbravarem a Amazônia e, especificamente, a região de Rondônia, e que, nesse processo, também contribuíram para o extermínio, a escravização e a domesticação de muitos índios de várias etnias que nesta região habitavam.

Com os índios Karitiana não foi diferente. Os que conseguiram sobreviver aos ataques a que eram submetidos continuamente, fugiram para a região de Candeias do Jamari. Em meados de 1950, novo embate com seringueiros, mineradores e madeireiros que pretendiam explorar a região, culminou em nova retirada desse povo para a região de Porto Velho, onde até hoje, parte do grupo reside. Mais recentemente, os Karitiana travaram uma luta para reconquistar as terras de Candeias. Para isso, alguns integrantes desse grupo indígena voltaram a fixar moradia naquela localidade.

3.2 Região de Rondônia – ocupação e colonização

Na década de 1970, o Governo Federal intensificou as políticas públicas para o norte do país através do PIN – Programa de Integração nacional, cujo objetivo era promover a integração nacional da Amazônia. Em Rondônia, esta política teve como base a abertura de rodovias, o incentivo à migração e à colonização dirigida através dos assentamentos do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Para favorecer a colonização do que hoje é o Estado de Rondônia, o Governo Federal investiu na construção da rodovia 364, como forma de incentivo para ocupação do território. Com isso, centenas de famílias foram assentadas pelo INCRA às margens dessa rodovia, de forma desordenada, sem um planejamento sólido e equilibrado, sem infraestrutura física e social, o que culminou no aumento da pauperização de muitos migrantes devido, principalmente, às dificuldades de armazenamento e escoamento da produção no período chuvoso.

Na tentativa de minimizar os impactos negativos nesse processo de ocupação, o Governo Federal criou o Programa Polonoroeste que tinha como objetivo central a pavimentação da BR 364 e o desenvolvimento agrícola. Este programa não teve capacidade de sustar a ocupação desordenada de Rondônia e de cumprir suas metas sociais e econômicas.

Em virtude do Programa Polonoroeste, houve uma demanda populacional maior do que fora previsto e avaliado na época do planejamento do programa. Com isso, gerou um significativo impacto no uso dos recursos naturais, contribuindo para o desmatamento, esgotamento do solo e outros problemas ambientais na região, assim como a invasão de áreas de proteção ambiental e terras indígenas.

Com a falência dos projetos de assentamento e a não absorção da mão de obra rural nos centros urbanos, grande parte da população migrante foi para os garimpos de ouro e de cassiterita. Como consequência desse fato, tivemos mais problemas ambientais, além das grandes invasões das áreas de proteção ambiental e das terras indígenas com retirada indiscriminada de madeiras.

As terras indígenas foram invadidas, desmatadas por colonos, madeireiros e garimpeiros, o que culminou em um alto custo social e econômico e perdas irreparáveis. Houve grande mortalidade decorrente de doenças e desestruturação social das populações indígenas como uma das consequências do

programa, além do aumento dos conflitos e perdas territoriais pela ineficiência na gestão e no controle das terras indígenas pelos órgãos que deveriam fiscalizar e proteger essas áreas.

4 A população Karitiana

De acordo com Sampaio (1997), os primeiros contatos dos Karitiana com o povo não-índio datam do século XVII, embora tenham conseguido se manter isolados até o início do século XX. Com o surgimento dos caucheiros e seringueiros na região do Município de Ariquemes, os nativos tiveram que se refugiar em outras localidades. No entanto, esse isolamento foi passageiro. Em contato com esses invasores territoriais, muitos Karitiana foram escravizados e outros mortos, de modo que houve drástica redução de seu grupo.

O Decreto nº 93.068, de 06 de agosto de 1986, homologa a demarcação de 89.682 hectares da Terra Indígena (TI) Karitiana, situada no Município de Porto Velho/RO, entre os rios Jaci-Paraná e Candeias. É banhada pelos rios Das Garças e Caracol, além de parte dessas terras ficarem dentro da Floresta Nacional do Bom Futuro, área de preservação ambiental em Rondônia.

O território tradicional dos Karitiana compreende a região que fica entre o Rio Candeias e o Jamari (já na direção de Porto Velho e da foz do Jamari, aproximadamente no que é hoje a Gleba Garça e a Gleba Baixo Candeias, a nordeste da atual área demarcada Karitiana); compreende também as terras da atual área demarcada e o vale do rio Branco, afluente do Jaci-Paraná.” (Mindlin e Leonel, 1984)

Os Karitiana são um grupo de língua Tupi da família Arikém. De acordo com os dados da FUNAI, existem 335 índios Karitiana atualmente em Rondônia. Grande parte do grupo mora na aldeia Central, denominada *Kyõwã* (“Sorriso de criança”), a 95 quilômetros ao sul de Porto Velho, no Igarapé Garças. Outra parte do grupo retornou há três anos a fixar moradia na aldeia Juari, em média 18 quilômetros da aldeia Central; outro grupo voltou a ocupar as terras do Rio Candeias. Há também os Karitiana que residem na cidade de Porto Velho.

As estruturas residenciais se modificaram muito das construções tradicionais. Os modelos das casas indígenas são diversificados, sendo casas de madeira, alvenaria, algumas cobertas de palhas e outras de telhas de amianto.

Na aldeia Central não há maloca. Uma está desativada por condições estruturais; a outra é utilizada como igreja para os seus membros. Na aldeia, há as residências indígenas, além de uma casa da FUNAI – conhecida como casa dos visitantes. Recentemente foi construída uma escola com estrutura moderna que oferece Ensino Fundamental e Médio aos alunos; foram construídos também uma casa para alojamento dos professores, outra para os profissionais da área da saúde e também a reforma e ampliação de um posto médico com recursos de compensação social dos consórcios hidrelétricos que atuam em Rondônia. Os Karitiana moradores desta aldeia possuem energia elétrica e água de poço artesiano.

Nas demais comunidades, não há energia elétrica e a água para consumo é retirada diretamente dos pequenos rios próximos às aldeias.

A exemplo do que acontece com outras populações indígenas, o povo Karitiana também foi submetido à evangelização. Os missionários não-índio formaram pastores índios para atuarem no trabalho evangelizatório da comunidade. Atualmente, a população é de maioria protestante e há na aldeia Central três templos evangélicos de denominações ideológicas diferentes, o que culminou em uma drástica divisão do grupo.

Os costumes e tradições dos Karitiana estão passando por grandes mudanças. A proximidade da aldeia com as cidades limítrofes corrobora para o aceleração do processo intercultural, embora parte do grupo ainda luta para manter traços da cultura tradicional, como danças, rituais, festas etc. O que se vê atualmente nos costumes daquele povo é uma mistura de tradições. O casamento, por exemplo, é celebrado com traços da cultura indígena e da cultura dos não-índios.

5 Apresentação dos *corpus* de análise

Os *corpus* serão apresentados dentro de duas tabelas, transcritos para uma versão próxima à oralidade, para posterior análise.

6.1 Episódio 1 – Narrativa sobre a retomada de terras Karitiana

01 02	<i>Nós, índio karitiana tem uma história de mais de trezentos ano. Nosso antepassado já sofreu muito. Essas terra da região do Candeia, Rio Preto, Jamari, Garça, Rio Branco, Jaci-Paraná</i>
----------	---

03	<i>era tudo do nosso povo. Daí os branco invadiu nossas terra. E nós fumo fugindo até ficar ali</i>
04	<i>onde tamo. Nós tá cobrado das autoridade a nova demarcação das nossa terra, porque foi</i>
05	<i>feito errada. Nós tamo ali na aldeia central e não tem mais nem caça e nem pesca pra nós</i>
06	<i>fazê. O nosso espaço é muito pequeno, porque tomara as nossa terra. Então, há três anos</i>
07	<i>atrás, eu chamei o povo da aldeia e falei:</i>
08	<i>- Nós precisa voltar pras nossas terra. E então um grupo foi pra candeias e outro pra juari,</i>
09	<i>aqui perto do Rio Preto. Em Juari tem perto de seis famílias. A aldeia fica numa área de</i>
10	<i>fazenda que nós entrou pra recuperar as terra qui sempre foi nossa.</i>
11	<i>Num dia, reuniu umas cinco pessoa e num carro uno, nós foi pros fundo da fazenda e</i>
12	<i>quebramo os cadiado e entremo na fazenda e os homi nosso já foi fazendo roçando e</i>
13	<i>levantando as casa.</i>
14	<i>Mais pra frente, um dia, apareceu o dono da fazenda. Ele veio todo cheio da verdade, roupa</i>
15	<i>da manga cumprida, chapéu, com arma na cintura, montado num cavalo. Daí o nosso</i>
16	<i>peessoal disse:</i>
17	<i>- Tem homi aí.</i>
18	<i>Daí eu saí na porta da minha casa e ele veio e disse pra mim de cima do seu cavalo:</i>
19	<i>- O que você acha se eu invadissem a tua casa, a tua terra?</i>
20	<i>Daí eu disse pra ele:</i>
21	<i>- Ei, essa fala é minha. Nós não tamo invadindo tuas terra, porque essas terra é nossa. Vocês</i>
22	<i>é que invadiu as nossa terra. O homi tava bravo. Daí ele falô mais outras coisa lá.</i>
23	<i>Daí ele foi embora. Ele pensou que eu ia ter medo. Eu não tenho medo. Nem sei como ainda</i>
24	<i>tô vivo? Eu enfrento mermo, não tenho medo de nada. Agora nós tamo esperando a</i>
25	<i>remarcação das terra. Nós passa todos os dias pela fazenda até chegar aqui. Tem mais de</i>
26	<i>seis porteiros. Mas nós vai ficar porque as terras é nossa. Tem até o cemitério ali, onde está</i>
27	<i>enterrado nosso antepassado.</i>

6.2 Episódio 2 – Narrativa sobre os índios isolados

	Episódio 2 – Narrativa sobre os índios isolados
01	<i>- Aqui que que o sitiante viu os índio, é...vinte índio. E aqui tem chácara parece. Parece que é</i>
02	<i>esse aqui no pé de jaca. Os índios tava trepado, trepando aqui pra pegar jaca. (Então eles não</i>
03	<i>estão tão longe daqui... comentários da pesquisadora)</i>
04	<i>- Tão nada. Tão por aí. Porque eu já vivi assim também quando era não contato, eu, meu pai.</i>
05	<i>Eu era acho menor um pouco do desse meu filho aí, por que eu andava nas costa do meu</i>
06	<i>pai, ele me carregava pra onde foi, ou ia.</i>
07	<i>- E nós não podia fazer roçado, não podia fazer fogo de dia, só de noite, com medo de o</i>
08	<i>peessoal encontrar a gente.</i>
09	<i>- Então não tem como: você sofre, passa fome, passa... ixe Maria. É muito ruim. O que eles</i>
10	<i>estão passando eu sei como é, eu passei por isso.</i>

6 E a colonização continua em tempos atuais

Os dois fatos acima descritos retratam a situação real de colonizado e colonizador na região amazônica no passado e no presente. Conforme mostra o contexto histórico, o processo de colonização na Amazônia, em especial, em Rondônia, trouxe inúmeros problemas para a população indígena. Hoje se vê com

mais clareza o quanto esta população está reduzida em função das grandes barbáries pelas quais passaram.

No episódio 1, retrata-se um acontecimento curioso: acuados por falta de espaço e alimentação, os Karitiana tomaram uma atitude incomum no processo de colonização: decidiram reocupar as terras que tradicionalmente pertenciam ao seu povo. É interessante observar a descrição física e psicológica que o informante faz do fazendeiro, com base na teoria bakhtiniana onde o sujeito é construtor da sua história e a enunciação é dotada de caráter social.

L 13 – 14 “Mais pra frente, um dia, apareceu o dono da fazenda. Ele veio todo cheio da verdade, roupa da manga cumprida, chapéu, com arma na cintura, montado num cavalo.”

Por esta descrição, é percebível a arrogância do fazendeiro, numa tentativa de intimidação do grupo de indígena que teve a coragem e a ousadia de entrar na sua fazenda. Esta atitude dos índios soou como uma afronta ao poder do latifundiário. Como pode a fazenda deste homem de prestígio na sociedade portovelhense, proprietário de grandes lojas e terras, ter sido invadida por índios? Quem eles pensam que são?

E a história se repete. Pegou uma arma, pôs na cintura, montou em um cavalo e foi ter com os índios. O colonizador de séculos atrás está mais atual do que se possa imaginar. A pressão psicológica que possivelmente causaria ou causou nos indígenas através dos trajes, da arma que portava e da forma arrogante que montava em seu cavalo seria o suficiente para os “índios invasores” se recolherem à sua “insignificância” e abandonarem as suas terras (do fazendeiro). Viu-se pelo relato que o latifundiário não desceu do seu cavalo para ter uma conversa amistosa com o índio. *L 16 “Daí eu saí na porta da minha casa e ele veio e disse pra mim de cima do seu cavalo.”*

Nesse momento, percebe-se pela figura imponente do colonizador, a opressão a que submeteu um grupo em minoria, instigando aqueles homens, conforme Cesáire enfoca na discussão teórica deste trabalho, a agirem com violência para embrutecê-los e desumanizá-los e, a uma reação violenta por parte dos indígenas, seria motivo para o fazendeiro revidar em legítima defesa. Assim, para a história, para a sociedade, os índios seriam os selvagens, os animais que matam as pessoas trabalhadoras (neste caso o fazendeiro) de forma brutal e covarde. E o homem montado a cavalo seria apenas mais vítima desse povo selvagem.

Mas algo estranho, fora do comum aconteceu: o colonizado, dessa vez, não se deixou dominar pela pressão. Reagiu, não de forma violenta, mas com um argumento fundamentado na própria história do seu povo.

L 16 - 20 "- Tem homi aí. Daí eu saí na porta da minha casa e ele veio e disse pra mim de cima do seu cavalo:

- O que você acha se eu invadissem a tua casa, a tua terra?

Daí eu disse pra ele:

- Ei, essa fala é minha. Nós não tamo invadindo tuas terra, porque essas terra é nossa. Vocês é que invadiu as nossa terra."

Verifica-se o quanto foi tenso aquele momento para o pequeno grupo de índios que resolveu desafiar o poderio do latifundiário. E este percebeu que, com sabedoria, os indígenas estavam demarcando novamente o seu território e dispostos a lutar pelo que lhes pertencia há muitos anos, conforme o relato. Desta vez, o colonizado se sobrepôs ao colonizador. Reagiu de modo inesperado, quebrando paradigmas do colonialismo. Entretanto, o conflito ainda persiste, a tensão é grande, mas os índios permanecem lutando para reconquistar legalmente as terras do seu povo.

Em relação ao episódio 2, temos a história do informante/colaborador que relata o fato de ter na região grupos indígenas que ainda estão sem contato com o povo não-índio. Pela história narrada, percebe-se como foi/é difícil para o povo indígena viver fugindo, se refugiando, oprimido, sem poder fazer o básico do ser humano: a alimentação.

L 4 – "Tão nada. Tão por aí. Porque eu já vivi assim também quando era não contato, eu, meu pai."

[...]

L 7 – 8 – "E nós não podia fazer roçado, não podia fazer fogo de dia, só de noite, com medo do pessoal encontrar a gente."

Na sequência do episódio, o narrador externa, emocionado, todo o sofrimento que os índios da etnia Karitiana passou até chegar ao contato com os madeireiros, garimpeiros, colonos, seringueiros, enfim, todos esses grupos que defendiam(em) a ideia de que o índio tem que ser domesticado, deixar de ser selvagem e preguiçoso. Que todos precisam de ter uma religião, uma profissão e que, em nome de Deus e do progresso de uma nação, foram/são escravizados, explorados e muitos dizimados. Os que estão sobrevivendo ao colonizador, já não possuem características próprias da sua cultura, vivem, portanto, um processo intercultural que traz consequências negativas para a manutenção da cultura indígena.

L 9 – 10 – *“Então não tem como: você sofre, passa fome, passa... ixe Maria. É muito ruim. O que eles estão passando eu sei como é, eu passei por isso.”*

Nada mais contundente para se entender como é doloroso e violento o processo de colonização do que esta última frase narrada por uma pessoa real que viveu aterrorizada pela possibilidade de ser encontrada pelos não-índios, pois, a exemplo do que já havia acontecido com seus antepassados, tinha plena certeza de que o sofrimento seria inevitável.

7 Considerações finais

Através das leituras dos teóricos da disciplina “Cultura e Amazônia” e a realização da pesquisa de campo para a produção deste artigo foi possível compreender como o processo de colonização é doloroso e maléfico às pessoas.

Essa colonização em nome do progresso, da civilização, do crescimento econômico traz consequências irreparáveis à população a ela subjugada. O que prevalece é a vontade e o privilégio de uma minoria (os colonizadores) em detrimento dos direitos dos colonizados, conforme afirmam Cesáire, Memmi, Sarte, dentre outros autores que versam sobre o colonialismo. Como afirma Cesáire (2010), os colonizados são vistos como seres que precisam ser conduzidos, pois não são capazes de administrar a sua vida e ter progresso. Acontece que para se chegar a este progresso, muitas vidas são ceifadas. Pessoas são psicologicamente desmoralizadas e rebaixadas diante da comunidade, uma agressão moral que não há remédio que cure, pois passam a ser consideradas incapazes e, por isso, devem ser conduzidos por homens que têm capacidade para exercer o poder sobre elas.

O contexto histórico da ocupação e colonização da Amazônia, especialmente, em Rondônia, não deixa nenhuma dúvida de que os povos indígenas que habitavam esta região foram sacrificados, explorados, muitas etnias foram dizimadas, além do processo de escravidão a que foram submetidos durante séculos.

No pensar de Césaire (2010), é importante que civilizações convivam com outras civilizações, mas que se respeitem mutuamente para que a população menos favorecida socioeconomicamente não sofra massacres físicos e psicológicos como a história relata até os dias de hoje.

Conhecer a história do povo indígena Karitiana serviu para se ter a esperança em dias melhores. O grupo que está retomando as terras na aldeia Juari, conforme relato do Presidente da associação dos Karitiana – senhor Antenor Karitiana, informante/colaborador neste trabalho – foi de um ensinamento ímpar para entender que o povo colonizado precisa reagir às opressões e aos desmandos da sociedade. É preciso ter coragem e lutar para sair desse processo de escravidão, de desumanização, de embrutecimento que conduz à derrota de muitos povos mesmo na era moderna.

No entanto, observa-se também na ação de retomada das terras por parte do pequeno grupo de indígenas, um ato extremo de desespero, colocando suas vidas em risco em defesa da sobrevivência. Através dos relatos dos informantes/colaboradores, verificou-se que os Kariatiana estão cansados de esperar pela demarcação das suas terras de forma correta pelo poder público. Por essa razão, tomaram essa atitude unilateral, o que poderia ter terminado em mais uma tragédia.

No episódio 2, Antenor Karitiana fala de um grupo de índios que não mantêm contato com os não-indígenas. Sendo esta afirmação inequívoca, temos, então, mais uma história de sofrimentos desses índios na atualidade, pois estariam vivendo tal qual no passado, fugindo de um lado para o outro, sendo perseguidos pelos grandes latifundiários e madeireiros que tomaram conta das terras de Rondônia atualmente.

Diante de tudo que foi exposto, verifica-se que há muitos avanços na sociedade. Contudo, os desmandos às populações menos favorecidas socioeconomicamente continuam acontecendo de uma forma talvez mais camuflada, mais velada, de modo que, não se avança para resolver os problemas que há anos oprimem, maltratam e destroem essas populações.

Quando se lê histórias de barbáries ocorridas em tempos passados, tem-se a sensação de que tais violências aconteceram por falta de leis que garantissem os direitos das pessoas, dificuldades estruturais da sociedade quanto à demora na comunicação, falta de recursos para deslocamentos, dificuldades de acesso a determinadas localidades, dentre outros milhares de fatores que eram determinantes para se agir de forma eficaz na luta contra essas barbáries.

Contudo, é lamentável comprovar que apesar de todo o avanço científico/tecnológico/social ainda temos histórias recentes de violência em nome da colonização, do progresso capitalista como as que foram narradas aqui.

Os Karitiana, por exemplo, precisam da nova demarcação de seu território, para que tenham espaço para a agricultura, a caça, a pesca etc. No entanto, este processo é lento e penoso. Não se vê instituições ou órgãos públicos empenhados nessa atividade para se resolver o problema dos indígenas. Então, eles se debatem sozinhos nessa luta, conforme foi visto através dos relatos.

8 Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12^a. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CANDIDO, A. *Iniciação à literatura Brasileira: resumo para principiante*. São Paulo: Humanista FFLCH/USP, 1999.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o Colonialismo*. Tradução: Anísio Garcez Homem. Letras Contemporânea, 2010.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Civilização Brasileira, 1968.

FIORIN, J.L. *Linguagem e Ideologia*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2001.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6^a edição. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral* 5^a ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEMMI, Albert. *O retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MEIRELES, Denise Mald. *Populações Indígenas e a ocupação Histórica de Rondônia*. Monografia – História e Historiografia – Mato Grosso, 1981.

MINDLIN, Betty e LEONEL. Jr. Mauro. *Relatório de avaliação da situação da Comunidade Karitiana*, Ministério do Interior – SUDECO e Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE, nov. 1983.

SAMPAIO, Wany & SILVA, Vera. *Os Povos Indígenas de Rondônia: Contribuições para a compreensão de sua cultura e de sua história*. Porto Velho: Editora da UNIR, 1997.

TEIXEIRA, M. A. D. & FONSECA, D. R. *História Regional: Rondônia*. Porto Velho: Rondoniana, 2001.